

Programar nas periferias: O quê? Para quem? Com quem? 20 de Novembro de 2018

O que são as “periferias”? Haverá outras, para além das geográficas? Existirão também no centro das nossas cidades? E uma periferia poderá também ser um centro? O que se programa nessas periferias? Quem programa e para quem? São estas algumas das questões sobre as quais procuraremos reflectir, envolvendo, sempre que possível, nas várias cidades membros do nosso grupo informal de trabalho “Periferias Centrais”, constituído no início de 2018.

ÉVORA, Direcção Regional da Cultura do Alentejo (Rua de Burgos)

Convidados: Cátia Terrinca, Um Colectivo; Maria Simões, Descalças – Cooperativa Cultural; Rui Horta, Espaço do Tempo; José Alberto Ferreira, moderador (Centro de Artes e Cultura da Fundação Eugénio de Almeida)

FUNCHAL, Casa-Museu Frederico de Freitas

Convidados: Ana Nóbrega, Museu da Baleia da Madeira; Emanuel Gaspar, Casa da Cultura de Santa Cruz/ Quinta do Revoredo; Lídia Goes Ferreira, Museu Etnográfico da Madeira; Márcia de Sousa, MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira; Nélio Sousa, Galeria dos Prazeres; Maria José Assunção Varela, moderadora (Associação Contigo Teatro)

LISBOA, Fundação José Saramago

Convidados: Aldara Bizarro, coreógrafa; Marta Martins, Artemrede; Marta Silva, Largo Residência; Maria Vlachou, moderadora (Acesso Cultura)

A sessão terá interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Colaboração: ESE Setúbal

LOULÉ, Cine-teatro Louletano

Convidados: Carolina Santos, Actriz; João de Mello Alvim, Director de teatro; Jorge Pereira, Artista plástico; Paulo Pires, Moderador (Programador cultural)

PORTO, Teatro Carlos Alberto

Convidados: Fátima Alçada, Centro de Arte de Ovar; Fernando Almeida, MEXE_Encontro Internacional de Arte e Comunidade; Inês Maia, moderadora (FIMP – Festival Internacional de Marionetas do Porto)

A sessão terá interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Colaboração: Cláudia Braga

VILA NOVA DE FAMALICÃO, Galeria Municipal Ala da Frente

Convidados: Ana Bragança e Ricardo Baptista, Ondamarela; Daniela Tomaz, Consultora Cultural Município de Vila Nova de Famalicão; Nestor Borges, Ave Cultural; Patrícia Amaral, Teatro Didascália; Célia Machado, moderadora (Município de Vila Nova de Famalicão)

RESUMO

O que é centro e o que periferia?

- Poderemos cair na tentação de dizer que um território é periférico, porque se localiza a x kms de distância do lugar que a sociedade considera uma “metrópole”, logo, que uma estrutura de programação lá sediada também será periférica. Ou não será nada assim? O que dizer da Bienal de Cerveira? Do Festival de Vilar de Mouros? Do Andanças (Castelo de Vide)?

- Poderemos considerar que um território é central e que quem lá programa tem a tarefa facilitada porque as suas ruas nem respiram com a camada de material de divulgação afixado? Será que os diretores artísticos do InShadow em Lisboa, dos Palcos Instáveis no Porto, têm a tarefa de programar mais facilitada porque atuam nos “grandes centros”?
- Qualquer território poderá ser encarado como centro ou periferia, dependendo da perspectiva de quem aponta o dedo (ao longe) ou de quem vive nos meandros de cada lugar. Essencialmente, uma questão de perspectiva.
- É fácil colar rótulos, nas pessoas, nas instituições, nos lugares... é ainda mais fácil conformarmo-nos com estereótipos e desistirmos, de uma vez por todas, desse desafio a que chamamos programação arriscada.
- A periferia tem uma conotação negativa e de abandono.
- Reavaliar a designação “periferia” – substituir por “território” social, humano, geográfico; tal como reavaliar o nome do grupo “periferias centrais”.
- Estar na periferia é estar fora dos processos de decisão.
- Relação de dependência, auto-colonização, replicação de “modelos centro”. O centro é sobranceiro, as periferias subestimam-se.
- Existência de várias periferias nos centros das cidades.
- Necessidade de descentralizar a cultura.
- Necessidade da criação de novos centros, para que as periferias deixem de ser periferias.
- Criação de novas centralidades dentro das periferias.
- Entidades que não se sentem elas próprias periféricas, pelo contrário representam, cada um à sua maneira, novas centralidades.
- Necessidade de alargar cada vez mais a área de abrangência, de sair, de estabelecer parcerias com os privados, a nível regional e nacional, com entidades autárquicas e governamentais.
- O desenvolvimento tecnológico tende a esbater as periferias geográficas.
- As periferias geográficas foram consideradas diferentes das periferias culturais, intelectuais e sociais. Estas últimas foram assinaladas como mais graves e difíceis de ultrapassar, sendo a educação fator primordial para esbater essas diferenças.
- Focaram-se as ultraperiferias, os subúrbios sem acesso à informação e a ruralidade profunda ainda prevalecente. Ficando no ar a questão em como dar a voz e a representatividade a essas minorias.
- A recente criação de novas cidades alterou o conceito de urbanidade, mas, na realidade, não trouxe grandes mudanças.
- Foi realçada a escassez de recursos financeiros. Torna-se imprescindível reunir sinergias para colmatar ou enfrentar necessidades.

Relação com as comunidades

- Considerar a responsabilidade social das instituições culturais.
- Foi realçada a importância da identificação da população com a instituição, registo de depoimentos e levantamento de memórias.
- Contribuir para a preservação da tradição.
- Contribuir para o desenvolvimento cultural e social dos habitantes.
- Valorização do panorama artístico e cultural local e regional.

O quê?

- Necessidade de criar massa crítica, rede de actores locais.
- É necessário, cada vez mais, trabalharmos para a micro-escala, em vez da macro, para com isso provocarmos uma mudança medida em profundidade, ao invés de em largura.
- O papel dos mega-projetos-pseudo-orientados-para-o-desenvolvimento-cultural.
- Barreiras nos pequenos espaços comunitários e como se transformam em cicatrizes e depois em meras memórias transformadoras.
- Co-operação entre periferias.
- Aproveitar as vantagens de estar nas periferias (tempo).
- Projectos para todos, não “guetizar”.
- O poder político tem “mentalidade periférica”, não apoia projectos novos. O Largo Residências (Lisboa) acolhe os “rejeitados”.
- Insistir nos mecanismos de participação.
- Estaremos, no entanto, a criar “participantes profissionais”?
- Trabalho desenvolvido pelos serviços educativos.
- Foi levantada a questão da falta da divulgação cultural e da sinalética de rua relativamente aos espaços culturais. A divulgação relacionada com a cultura deve ser repensada.
- Foi realçada a pertinência de estabelecer prioridades para a programação cultural.

Para quem?

- Conhecer o território, relação de centros-periferias nas próprias periferias.
- Desde início, os projetos devem envolver as comunidades locais.
- Experiências com comunidades resistentes, colaborativas, carinhosas ou ressabiadas.
- O que é central é para quem estamos a trabalhar/programar; o não público de Ovar é o mesmo do Porto. A dificuldade passa por trabalhar os não-públicos e fidelizá-los
- Programação variada, sendo que essa diversidade depende da aceitação da comunidade. Há uma preocupação em ir ao encontro dos interesses da comunidade, procurando-se assim promover a proximidade.
- A programação cultural é sempre pensada em função do público em geral, nomeadamente dos diferentes tipos de público, local, nacional e estrangeiro. Abarca sempre os interesses das comunidades locais e regionais e só mais esporadicamente, no caso de alguns museus, é pensada a nível nacional.

Com quem?

- Considerou-se ser possível desenvolver trabalho de sucesso independentemente da localização geográfica. Nesse âmbito, torna-se fundamental acreditar em pessoas que se implantam nos espaços. Encarar as pessoas como agentes ou factores de mudança.
- Vinda de novos artistas que trazem um novo olhar sobre a comunidade e o território.



- Artistas em residência, que trabalham sobre a comunidade e a localidade e que depois expõem os projectos resultantes.
- Deparam-se com dificuldade de meios.

Temos consciência de que os “números” estarão provavelmente em risco e que iremos ter sérios problemas a justificar tudo isso em “relatórios de avaliação”.